

AMERICA

JORNAL NOTICIOSO, LITTERARIO E SCIENTIFICO

SEGUNDA-FEIRA

20 DE MARÇO

ANNO 4. N. 33.

PROPRIETARIOS: ZACARIAS SALCEDO & M. J. ESTRELLA

REDACTORES: DIVERSOS

Preços: por trimestre 27.000 réis para esta cidade; pagamento adiantado.

PUBLICA-SE

NO RIO GRANDE

1874

LITTERATURA

Uma historia veridica.

QUE PARCE.

UM CONTO PHANTASTICO.

(Continuação.)

II

Dirigiu-se para a porta, que felizmente estava aberta, entrou o limiar, mas não se atreveu a passar d'alí, sem que primeiro apparecesse alguém. Lá dentro estava tudo ás escuras; e nem o mais leve rumor se ouvia.

“Olé, amigo, disia Leocadio com a voz um pouco tremula e abafada pelo susto; ouça, mande-me abrir a porta da rua.

Então? não me responde?

E deu quatro ou cinco passos ás apalpadellas, dirigindo-se para o interior da casa, e com as mãos sempre estendidas para diante, como faser de ordinario todos que caminham por lugares desconhecidos e ás escuras; tropeçou n'um pequeno degráu e perdendo o equilibrio cahiu para diante, sempre com os braços em posição de salvaguardarem o já maferido nariz, e foi bater com as mãos sobre umas pernas humanas, mas frias como gelo.

Apesar d'aquelle frigido contacto o faser estremecer involuntariamente, sacudiu com força uma das pernas com intenção de accordar o individuo a quem ella pertencia.

Emquanto o malfadado Leocadio estava neste empenho, as nuvens tinham-se descarregado e defeito; a lua refulgia outra vez no horizonte, e enviando os seus pallidos raios pelas inumeras janellas da casa onde elle se achava, mostrou ao infeliz manco, que estava frente a frente com um livido cadaver!

Nem Macbeth dividando o espectro de Banquo; nem Triboulet reconhecendo o cadaver da filha, quando julgava espesinhar o seu algoz; nem Semirama encarando o phantasma do assassinado Nino sentiram um terror igual

ao que se apoderou do nosso desditoso Leocadio: soltou um abafado grito de afflicção e levando as mãos aos olhos voltou-se rapidamente para não encarar mais aquelle espectro. Mas, oh! cumulo do pavor! a casa era toda circundada de largas eças onde jaziam muitos cadaveres, membros destroncados, cabeças decepadas e mãos cortadas; a luz tibia que penetrava naquella mansão de mortos, dava um aspecto ainda mais sinistro, lugubre e phantastico a todos aquelles corpos hirtos e nus, e áquelle hediondo montão de membros dispersos! Era para morrer de terror.

O infeliz não podia já supportar tão violentas e aterroradoras sensações; as fontes começaram a bater-lhe com violenceira; um zumbido singular lhe enchia os ouvidos; os olhos esgazeados perdiam a luz; a razão perturbada dizia-lhe que elle tinha passado para um outro mundo. As longas pernas estremeçaram, abalaram o esguio tronco e deixaram-no cahir sobre os joelhos. Nessa posição, o desordenado desvio de todos os sentimentos, fê-lo assistir á mais horripilante de todas as scenas.

As pernas desinseridas dos troncos tinham descido para o chão, e executavam, ao som de uma musica singular e estridula, uma verdadeira dança macabra; duas cabeças soltas, ensanguentadas e com os cabelos rapados á navalha, caminhavam para elle lentamente e impellidas por uma força estranha, tinham os olhos abertos mas sem luz, os beiços confrangidos e os dentes cerrados; um cadaver cór de cêra e de compridos e desgrenhados cabellos a cobrir-lhe o rosto macilento, levantou-se devagarinho e caminhou com um andamento regular e medido, como se fôra uma machina, direito ao desaventurado moço; abraçou-o n'um rigido e estreito amplexo, que lhe fez sentir um irio glacial no amago do coração, e inclinando-se depois mui lentamente depoz-lhe nos labios um osculo de neve!

O corpo de Leocadio desabou fulminado sobre o pavimento, com a se fora

já um companheiro d'aquella sociedade de mortos!

III

Era uma cella, com o tecto em aboboda, e as paredes caídas e nuas, recebendo luz debil por uma unica fresta estreita e gradeada com grossas barras de ferro, estava um pequeno catre em que se descobriam, sob as dobras de escura mantas, as fôrmas desmedidamente compridas de um ser humano: Outro vulto, cujos contornos se occultavam debaixo das pregas de nanho farficio, e que além disso a pouca claridade não deixava bem distinguir, de pé a cabeceira da cama inclinado sobre ella, parecia escutar com attenção o murmurio de uma respiração suspirosa e talvez applicar algum topico, ao individuo que estava deitado.

No fim de alguns minutos parece que ficou satisfeito do seu exame, porque sahio pé ante pé e abrindo a porta disse para fóra: dorme; e desapareceu fechando a porta com grande cuidado.

Tinha decorrido mais de uma hora, quando a porta tornou a abrir-se para dar entrada ao mesmo personagem; mas dessa vez o ranger dos quicios fez acordar em sobresalto o individuo que jazia no leito. As dobras da roupa alemtaram-se: ouviu-se um longo e doloroso suspiro, e depois... appareceu descoberto um nariz infinito, inchado, comprido, arranhado, contundido e ensanguentado!! E' facil advinhar quem era o dono desventurado de tão desventurado nariz; era Leocadio Cypriano Vaz, o proprio, o mesmo em carne e osso que estava persuadido, que tinha sentido bater-lhe na nuca a ultima badalada da sua ultima hora!

Procurava orientar-se percorrendo com a vista todos os angulos do seu estranho aposento, quando deparou de chofre com o negro phantasma, que ficara immovel no meio do quarto,

“Jesus! misericórdia! perdão... não me torturem mais! ó espectro medonho vai-te, deixa-me, ou antes não, não me deixes, mata-me, mata-me já; corta-me depressa a cabeça!!!

"Não tremas, Leocadio, disse o negro vulto com voz cava e rouca; nada tens que receiar, estás entre amigos.

"Amigos! então conhece-me?

"Conheço todo o mundo.

(Continúa.)

VARIEDADE

● amor fatal

OU DESESPERO E SUICIDIO

I.—O BAILE

Houve um baile em casa do Sr. Manuel Fagundes. O Sr. Fagundes era um negociante retrado, que depois de enriquecer-se com patifarias no negocio, procurava comprar o nome de honrado e generoso, dando magníficas funções à gente que o gabava na sua presença e o redicularisava à socapa.

D. Cecília, sua filha, era linda como o formoso girasol que ornava os seus magníficos cabelos postigos.

Em quanto todos se entregam ao folgado delirante, ella fica sosinha e pensativa. Aproxima-se um desses paços que frequentam a sociedade sómente para dizer asneiras e mostrar a pericia e boas fazendas de seus alfaiates.

— Então V. Exc. está scismando... talvez no amor?

— E' verdade respondeu a donzella, suspirando.

(Havia uma pequena inexactidão nesta resposta. D. Cecília calculava o preço dos toilets das suas queridas amigas. E teve o desgosto de vêr que D. Luiza estava vestida com mais gosto e riqueza do que ella.)

O paço ia declarar a sua paixão por D. Cecília, porque não podia resistir aos encantos da filha, apressar de serem assombrados pela fortuna do pai. Não teve tempo, porém, porque neste momento entrou o joven Florindo.

D. Cecília julgava amar o joven Florindo, e este tinha jurado mais de cem vezes que estava morto e enterrado pelo amor della.

O joven complimentou-a, mas foi de reitinho para o grupo que cercava D. Luiza.

D. Cecília desmaiou!

II.—O PAI E A FILHA

— Cecília é tempo de casar se.

— Com quem meu pai?

— Com o commendador Fulano.

— Não posso.

— Não podes? ora essa é boa. E por que?

— Meu pai, elle não traz bigodes nem bengalilha. Não se veste no rigor da moda.

— Mas em compensação tem um rendimento de trinta e cinco contos.

— Eu não sabia. Meu pai disponha do meu coração como Vmc. quizer; não posso resistir à vontade de um pai tão bondoso.

— Querida filha! E's digna do meu amor e de um novo adereço de brillantes.

III.—A MORTE!

Subindo do casamento de Cecília, o joven Florindo tomou a resolução de eutregar-se a uma morte horrível.

Arranjou um negocio com o thesouro nacional, e depois de escrever 1230 requerimentos, gastar 16 paços de botinas em andar de uma repartição a outra, perder todos os seus amigos, que fugiam dos empenhos em que procurava emburralhar-os, desperdiçar a sua fortuna em comprar estampilhas e assalarar empregados publicos, o Sr. Florindo, já não joven, desceu ao frio tumulo.

Tres mezes depois no expediente publicado no *Diario Official* lia-se o seguinte despacho:

« Ao Sr. Florindo. — Appareça na audiencia do ministro. »

(Comedia Social.)

POESIAS

A TI

(A' ZACARIAS SALCEDO)

Oh! se me Deos, fadasse a triste lyra,
Celeste melodia em seu trovar;
Que mago afan empregaria agora,
Nos meigos sons, que dedicasse a ti!...

Se na febre da santa inspiração,
D'harmonia minha mente transbordasse;
E na fronte o sello d'immortal talento,
Da poesia a auréola me dourasse;
— A ti um hymno consagrara ardente,—

Nas mais sonoras vibrações da lyra;
E o incenso puro em espiraes subindo,
Pousara ao mecos, sobre as aras santas,
Dos sentimentos, que n'esta alma vivem,
Ternos intactos;—gratidão e affecto!...

Mas ah! meus sonhos de chimeraes cheios,
Sempre me embalam n'uma gloria vã:
Que a minha lyra, que soluça e chora,
Agreste em vozes, em tangores rudes;
E' pobre e orna d'aharmonia o canto;
Sómente accorda da tristeza os echos,
Quaes sons longiquos, que espalhasse o vento!...

Flores mimosas, que brilhaes serenas,
Na esmeraldina esparançosa côr;
Celestes brizas, que passais amenas,
Ternos regatos, que expandis frescor;
Subtis perfumes e ignotas fallas,
Que o vauco espaço, povoando vão;
Das primaveras (1) as divinas galas,
Que o genio d'arte, desfiria loução:

Meu plectro rude, circundai d'encanto,
Dai-lhe as doçuras, qu'en aspirio agora;
E desta lyra, que emudece o canto,
Ridentes hymnos, desprendei nest'hora!...

Mas amigo, em suspiros plangentes,
Perco o alento, inanimado meu peito:
Desta lyra casada a minha alma,
Sons ridentes, jántais fugiram!...
E' em vão que eu invoco as lindezas,
Que desdobra o universo ante mim;
Frouxas cordas da lyra tristonha,
Claros notas não mais soltaram,
E embora o assumpto m'inspire,
Falta o estro, que a dôr suffocou!

A ti que trilhas do progresso a senda,

(1) De Casimiro de Alencar.

E a mãe bondosa ao peregrino estendes;
E em doces vozes, reanimas sempre,
O exausto e delal viajor sem rumo:
Um astro ethéreo, te illumina a senda,
Agro caminho, que conduz ao templo
Dq gloria magna, de immortal renome!

Oh! qu'en não possa te sagrar um hymno,
Nas mais sonoras vibrações da lyra;
Encantado enlevo, melodia etherea,
De argentæas notas!

Rio Grando, Março—1871.

José Paulo Ribeiro.

Supplica

Dosmaia a luz ardente:

Nos ares, mollemente

Derrama-se tremendo

Da noite a sombra escura;

Da brisa o leve adejo

Envolve em longo beijo

A flor rubra de pejo

— A rosa da espessura.

A vaga marulhosa,

Dolente, preguiçosa,

Se resolve lastimosa

N'um leito de luar;

Além um canto sôa,

Por sobre a espuma vôa

Ligeira—uma canção

Cortando o azul do mar.

Da noite eis a princeza:

Da fronte na belleza

Que pallida tristeza!

Que dôr lenta e profunda

E a cada flor nevada,

Que dobra-se crestada,

Na haste já curvada,

Co'a branca luz inunda!

Mil astros scintillantes

Balouçam fulgurantes

Em redes deslumbrantes

De nuvens de algodão;

Sacode a noite o manto,

Na terra chove o pranto...

Que vaporoso encanto

Embala a creação!

O céu tem esplendores,

A terra orvalho, flores,

Purissimos amores

Que vellam descuidados;

Mas, ah! quanto lamento

Não sóbe tardo, lento,

Na voz do soffrimento.

No—ai!—dos desgraçados?...

Ao pobre desditoso

Envia, oh Deus piedoso

Um raio esperançoso

Que abraçando a intensa dôr!

Na vaga que delira,

Na brisa que suspira,

Na casta e santa pyra

Lh'infunde teu amor!

Narcisca Amalia.

de degradação, pensou-se em o meio de arrancal-o da prisão que o rodeia. A fortuna nos é propicia. Toda a Europa se estremece ante os vapores que exhalia o sangue hespanhol. Dumouriez, esse general da república, escreveu um manual sobre a tática da guerrilha; e a Alemanha, ao passo que projecta uma insurreição geral igual á nossa, declara a guerra nestes momentos.

— O que dizeis ?
— A verdade, contestou o beneditino. Já consta-vos que Napoleão saliu da Gallícia, para bater os inglezes ?

— Sim.
— Pois, antes do vel-os, teve que abandonar o exercito e marchar ás margens do Rhein. Vede aqui o genio acoçado por todas as partes. Em vão o governo lutta, e se faz exorcar pelas medidas que adopta. Por cada hespanhol morto, morrerão dez francezes : pouco importa que se tenha chegado até a barbaridade, mandando tirar um olho ao cavallo, que poderia preencher seus dissimidos esquadroes. O que faz pouco tempo disse á seus soldados: *Levemos nossas aguias triumphantes até as columnas de Hercules, onde temos ultrages que vencer, afasta-se de nós. Por isso eis aqui a nossa occasião.*

— Voemos, pois, respondeu o barão entusiasmado.

— Só resta estarmos de accordo, proseguiu o anciao, cuja prodigiosa actividade se augmentava com o entusiasmo que fervia em seu peito. Determinada para amanhã a hora da nossa partida, nem vós nem eu poderemos marchar desta fórma, a qual sempre se faria suspeitosa dentro da França. É necessario que se transforme nossa phisionomia, nossa linguagem, nosso traje e nosso nome.

— Aceito este pensamento.
— Em tal caso, creio que vos será perfeitamente o traje de um abbade francez.

— E vós ?
— Eu posso passar por um honrado marinho ou contra-mestre da galeota *Arcadia* que naufragou com a maior parte da tripulação nas ilhas Thormigos, em frente ao cabo de Páos.

— Perfeitamente.
— Os documentos se despacharão em toda a regra. Vosso nome será o de Mr. Bignon.

— E o vosso ?
— João Thibaud.
— Estamos conformes.
— Successivamente vos irei instruindo das medidas e projectos que è mister ir adoptando. Isto dependo exclusivamente de nós, pois o mais ligeiro deslize, a mais leve imprudencia pôde custar-nos a vida.

— Submetto á vossa experiencia e ao vosso talento este delicado assumpto. Só sabei obedecer-vos e secundar cegamente vossas ordens.

— Sob este ponto de vista, não è justo que eu me irroge facilidades que me não competem. Juntos em tudo, venceremos ou morreremos : eis aqui minha divisa.

— E a minha, contestou o barão, dominado pelo prestigio destas palavras :

— Agora vos devo participar quaes são os unicos companheiros que encontraremos em Victoria, para q' secundem nosso plano.

— Vejamos ?
— D. Carlos de Montalban.
— Oh ! D. Carlos ! meu segundo filho !
— Já sabeis que se achava no exercito do general Cuesta ?
— Sim.
— Que alli tambem se encontrava vosso leal Anselmo ?
— E' acaso da expedição ?
— Sim ; é. Outro é um filho adoptivo meu.

— Genaro ?
— Fez-se um valente e esforçado joven, capaz das mais arriscadas empresas. Não quiz mais gente.

— Haveris tido uma eleição admiravel.
— Quero almas que me comprehendam, espiritos que advinhem o meu, seres que saibam desprezar a vida, corações que não temam nem á morte, nem ao tyranno. Procurando pessoas vulgares, dessas que nada comprehendem, nossa empresa fracassaria a cada instante. Dae-me uma abnegação suprema e tereis alcançado tudo.

— Admiro-vos, meu amigo, exclamou o barão ao ouvir aquelle infatigavel velho, cuja cabeça parecia coroar-se de raios quando exultava-se seu coração.

— Ah ! So eu tivesse vinte annos ! Porém não : força é que o decretado pelo céo se cumpra ; contido, ha aqui, em meu peito, uma cousa estranha que me rejuvenece, certos lampejos de luz que cruzam minha cabeça e dão uma lucidez poderosa á todas as minhas palavras. Eu quiseria centuplicar esta energia, dar vigor aos meus membros, elasticidade á minha vontade, força aos meus musculos, robustez á meu talento ; porém em mim não se vê senão os derradeiros resplendores de uma luz proxima á apagar-se.

— Não, meu amigo. Sois forte, energico, e activo. Reunis as qualidades mais brilhantes para dominar todas as situações. Representante de nossas antigas raças, sois o genio que cava, no meio das trevas, a tumba dessas arrogantes aguias que vieram despertar de seu somno ao leão castelhano. Na certeza do que valeis, só me resta dizer-vos : marchemos.

O conde de Malvar, despediu um sorriso triumphante, e repetiu :

— Sim ; marchemos, para salvar ao rei. Os dois amigos se estreitaram as mãos ; e não tendo mais que dizerem, porque se haviam comprehendido seus corações, disse o barão :

— Até amanhã, meu amigo : Deos proteja a nossa obra.

— Nossa obra é santa : o céo protege tudo o que è justo e nobre, contestou Malvar, apontando por uma janella á avelludada limpidez do firmamento, semeado de estrellas.

CAPITULO XX

Primeira noite de caminho

A' tarde seguinte da scena que descrevemos, via-se em um dos angulos da casa de Postas, contigua ao magnifico edificio de correios, uma cadeia de caminho, proximo a partir ao arranque de quatro cavallos

que se estremeciam ao estallar do látigo do postilhão.

O conductor esperava que chegassem os viajantes, ao mesmo tempo que dava arrumação a alguns cofres e malas.

Davam quatro horas no relógio do Bom Successo,

O céu estava coberto de densas nuvens. A neve não era diminuta: as ruas viram-se quasi desertas; o transeunte que cruzava pela Porta do Sol, ia envolto em larga capa, sem deter-se um instante; as mulheres corriam para seu domicilio, e as sentinellas tiravam sob a impressão do vento e a proximidade da noite.

Esta se avisinhava com promptidão, produzida mais bem pela escuridão das nuvens que encapotavam o firmamento,

A's 4 1/2 apresentou-se um viajante.

Era um abade, envolto em um sobretudo preto, com seu breviário debaixo do braço. Occultava parte de seu rosto um chapéu angular, mui semelhante aos que usam os sacerdotes italianos; sem embargo advertia-se nelle uma timidez natural e asctica que o fazia apparecer muito mais humilde.

O abade avisinhou-se ao conductor, e disse chamar-se Mr. Bignon.

Tirou o encarregado de uma caderneta, examinou os signaes que nella estavam postos, para ver se se achavam em completa analogia com os do individuo que se apresentava, e concluida esta operação, bastante arriscada se quer-se, porque a maior parte dos conductores, maiores, e mais pessoas dedicadas aos caminhos, pertenciam á policia franceza, pediu o passaporte.

Mr. Bignon o entregou em seguida, fazendo uma reverencia ante um auriga tão observador de seu dever.

O passaporte mereceu o mais escrupuloso exame, até que' satisfeito desta derradeira analyse, fez signal ao abade para que tomasse assento no interior da cadeira de postas.

O abade por sua parte, antes de subir, quiz informar-se da collocação de sua reduzida bagagem, a qual consistia tão só em um pequeno cofre. Viu que estava collocado em ordem, e penetrou na carruagem.

Algum tempo depois, apresentou-se um segundo viajante.

Era um homem com chapéu de palha e fita preta; barba crescida; coberto com um largo capote, mui semelhante aos que usam os marinheiros nas noites de temporal. O resto do seu vestido era singelo e vistoso. Cingia ao redor de seu pescoço uma faixa listada de brilhantes cores que fazia as vezes de gravata e tapa bocca. Um jaquetão largo e de côr de chumbo cingia seu corpo, e uma calça da mesma qualidade, terminava o resto de seu traje.

Este viajante, longe de affectar a modestia do abade, avisinhou-se ao conductor e lhe deu um golpe no hombro.

— Estamos listos? exclamou por uma forma mui semelhante ao patuá que se falava nas immedições de Oloron.

O conductor levantou a cabeça e olhou ao que o interrogava.

— Com todos os diabos! exclamou. Que quereis dizer com isto?

— Que se nos vamos... Vão dar ás 5.

— Ah! sois passageiro?

— Justamente.

— N'esse caso, isso é outra cousa, contestou o conductor, puxando a caderneta. Como vos chamaes?

— Como me chamo? Estranha pergunta!

— Não o tens posto n'esse livro?

— Assim deve ser.

— Então é officiosa vossa interrogação.

— Devo advertir-vos que assim está mandado.

O viajante, ao ouvir esta palavra fez que seu semblante adquirisse uma viva expressão de sorpresa.

— Ah! disseis que está mandado?

— Sim, senhor.

— N'esse caso, aqui me tens ás vossas ordens. O que quereis?

— Saber vosso nome.

— João Thibaud, contra-mestre da galeota imperial *Arcadia*.

— Aqui está.

O conductor poz toda a attenção no livro, confrontando os signaes.

— Estamos quites? perguntou o contra-mestre.

— Ainda falta.

— O que é falta?

— O passaporte.

Tirou o marinheiro uma carteira sujeita com uma fita' a desdobrou e extrahiu della um papel.

Este se achava em toda a regra, e o exigente conductor se deu por muito satisfeito.

— Podes entrar na carruagem, disse, devolvendo-lhe o passaporte.

— Quem está dentro?

— Um abade, um clérigo.

— Irra! mau negocio temos. Faltam mais alguém?

— Sim, um terceiro viajante.

O contra-mestre não fez movimento algum de desgosto.

— Quem é? perguntou com indifferença.

— Ignoro-o.

O curioso passageiro considerou que não tinha direito para perguntar mais, e subiu á carruagem.

Apenas se havia accomodado do melhor modo possivel, sentiu que fallavam ao conductor. O que lhe respondia tinha voz de mulher.

Poz a cabeça fóra de uma das portinholas, e vio que era uma dama, seguida de meia dúzia de cavalheiros, e outros tantos criados, a que respondia ao ipeioravel auriga.

— Senhora, vosso nome! dizia este, não se pôde subir sem que estejas identificada com as noticias recebidas da policia, do contrario series suspeitosas.

— Esta dama não tem necessidade de dizer seu nome, respondeu um dos cavalheiros que a acompanhavam.

— Como que não? Então não adimitto-a.

— Tem ordens especiaes, instou o cavalheiro, que a salvam dessa importuna averiguação.

— Não importa.

— Porém...

— Não ha poréns que valham. O nome!